

Alejandra Rotania oferece uma fecunda análise das implicações éticas do avanço das ciências da vida associadas ao progresso tecnológico, a partir da idéia de que este avanço significou uma profunda mudança ontológica, que não pode ser ignorada na discussão dos riscos e benefícios das novas tecnologias. Margareth Arilha igualmente pondera que as tecnologias conceptivas, desde que controladas pela sociedade como um todo, podem ter aspectos positivos, entre eles, o de realizar o desejo da maternidade. O artigo de Gena Corea, jornalista e escritora, que trata dos riscos da fertilização *in vitro* e das aberrações das pesquisas em torno desta tecnologia, e o de Fátima Oliveira, médica, que trata dos problemas relativos ao gênero, ao racismo e à bioética na medicina da procriação pecam, mais uma vez, por um tom denunciatório que, como em outros artigos anteriormente mencionados, limita a análise.

Destacam-se no livro a relevância e a atualidade dos temas, a perspectiva multidisciplinar de análise e a troca de experiências internacionais. O livro é, no entanto, desigual. Ao predomínio de uma análise rigorosa e cuidadosa da relação entre gênero/saúde e ciência, que faz sua leitura imprescindível, contrapõe-se em alguns momentos um *parti-pris*, que empobrece a questão. Pelas implicações políticas das tecnologias reprodutivas, que envolvem não apenas reflexão, mas intervenção, o livro dificilmente escaparia deste dilema, ao preço talvez de limitar seu alcance. Questões éticas e ontológicas - fundamentais porque dizem respeito a todos(as) nós, ao que a ciência faz, pode ou deve fazer de nossas vidas - foram colocadas, discutidas e analisadas. Merecem ser lidas com toda atenção e cuidado.

CYNTHIA A. SARTI ■

As mulheres e o (seu) tempo

Recherches Feministes, vol. 9,
nº 2, Québec, 1996.

O volume 9, número 2, da Revista *Recherches Feministes* - editada pela Universidade de Laval, em Québec, Canadá, - tem por tema *Les Âges de la Vie* (As Idades da vida). A revista se propõe a mostrar como esse tema atravessa os principais debates sobre as sociedades atuais e seu futuro. De fato, como bem diz Françoise-Romaine Quéllette, na introdução do volume, algumas das grandes questões em jogo no momento, como a renovação das gerações, a inserção profissional dos jovens, e o aumento dos custos das despesas públicas de saúde e previdência para diferentes categorias de pessoas dependentes, são "diretamente ligadas a uma mutação ainda recente das temporalidades individuais e coletivas". Partindo do pressuposto de que as explicações sobre essas mudanças e sobre seus efeitos não podem se dar exclusivamente de uma perspectiva demográfica, o conjunto de artigos e notas de pesquisa (além de algumas resenhas) reunido nesse número da Revista realiza aproximações diversas - tanto no plano metodológico quanto

da escolha dos objetos de investigação - sobre as diferenças entre os indivíduos, as gerações e os sexos, tentando justapor e articular essas diferenças.

Os trabalhos apresentados por sociólogas, antropólogas e historiadoras canadenses, francesas e suíças, agrupam-se basicamente em torno de dois eixos. O primeiro deles remete mais fortemente para trajetórias individuais, ao analisar os modos de entrada - no feminino - nas idades, ou os itinerários esportivos diferenciados segundo o sexo, ou ainda a mobilidade de homens e mulheres diante da aposentadoria. O outro parte das noções de geração e categoria de idade, para estabelecer relações entre períodos determinados e as experiências efetivamente vividas pelos atores sociais. No seu todo, os artigos recuperam as experiências e a ação social de mulheres, no quadro de relações de idade e, paralelamente, limitadas pelo caráter estruturante das relações de gênero.

No primeiro bloco de textos, o trabalho de Denise Lemieux, *A Idade Adulta, seus Limiares, seus Rituais e suas Fronteiras Incertas: Histórias de Vida de Mulheres de 30*, toma as idades da vida como fonte de simbolização do tempo, e analisa discursos retrospectivos e prospectivos de mulheres adultas jovens de Québec, que vive-

ram sua adolescência no cenário de profundas mutações sociais dos anos 60. A autora recupera os rituais de entrada no mercado de trabalho, saída da casa dos pais, viagens, de formação do casal e, principalmente, maternidade, para apontar "a fluidez e a reversibilidade" dos indicadores de passagem para a vida adulta. E demonstra igualmente como as diferenças e desigualdades sociais podem ser responsáveis: a) por um lado, pela precocidade de trajetórias de jovens das camadas populares, socializadas por identificação com a geração que as precedeu; e b) por outro, pela maior autonomia nas opções profissionais e pessoais (como a escolha da carreira e a continuidade dos estudos) das jovens do meio urbano, tanto as oriundas de camadas médias e burguesas, como as de origem social mais baixa que - vivendo em um contexto de democratização escolar - também se distanciaram do modelo de vida adulta observado durante a infância.

Hélène Desrosiers e Céline Le Bourdais, em *Crescimento das Uniãos Livres e Futuro das Famílias Biparentais* (estas últimas definidas a partir da chegada de um primeiro filho ou filha, para um casal onde os dois parceiros não têm outros filhos), propõem-se a estudar o processo de separação conjugal. Pretendem, depois de documentar a evolução das modalidades de formação de famílias, verificar até que ponto as mudanças observadas nas práticas conjugais influem sobre as chances das mulheres que vivem em famílias biparentais de experimentar uma ruptura da união. Os dados utilizados são originários de uma grande enquête sobre a família no Canadá, realizada em 1990, e as autoras analisam uma amostra de cerca de 3.000 mulheres de 25 a 64 anos, casadas formalmente, casadas formalmente após um período de coabitação, ou vivendo uma união livre, para concluir que: 1) vem crescendo o número de mulheres que têm o primeiro filho no seio de uniões livres; 2) mais de 40% das mulheres têm o primeiro filho ou filha depois dos 25 anos; 3) tem aumentado o tempo entre o início da união/casamento e o nascimento do primeiro filho ou filha; 4) as separações continuam sendo mais frequentes entre casais que vivem uniões livres, mas tem diminuído sensivelmente entre casais que formalizaram a união depois de coabitar por um período. As autoras constatam, afinal, a importância crescente do "efeito de seleção", nos casamentos após coabitação, para a estabilidade das relações conjugais, mas apostam também nas possibilidades abertas pelos traços igualitários positivos das uniões livres, para mu-

danças futuras nas relações de gênero.

Em sua pesquisa sobre *Mulheres e Homens Aposentados: figuras urbanas de mobilidade circulante*, Monique Haicault e Sylvie Mazzella partem da noção de plurimobilidade, que consideram chave para a Sociologia Urbana, para pensar os deslocamentos de atores sociais pelo "sistema de movimentos" ou "território de circulação" em que se constitui uma cidade. Reconhecendo a especificidade de uma geração que conquistou a ampliação do acesso ao espaço público - principalmente para as mulheres -, não enfrentou o desemprego, experimentou a solidariedade intergeracional e exercitou o associativismo, as autoras analisam questionários e entrevistas com 276 "jovens" aposentados e aposentadas de menos de 70 anos de Marseille (França), morando sós ou acompanhadas. Com isso, traçam um quadro da heterogeneidade de situações vividas e identificam "figuras sociológicas" mais ou menos "circulantes" no espaço urbano, em virtude do sexo, do capital econômico ou cultural, ou ainda da capacidade de negociação, na família ou internamente ao casal, pelo "direito à cidade".

Por sua vez Marie-José Manidi Faes nos dá conta de um estudo, realizado em Genebra, Suíça, sobre as práticas de esportes exercidas por mulheres e homens de mais de 55 anos que fazem parte de associações esportivas da cidade. Realizado em dois tempos, em 1993-1994 através de 4.742 questionários, e em 1994-1995 através de 24 entrevistas tipo histórias de vida com informantes selecionados a partir da primeira etapa, o trabalho explora a hipótese de uma temporalidade sexualmente diferenciada. Demonstra como homens e mulheres se distinguem em termos dos tipos de práticas esportivas - com as mulheres dedicando-se mais à ginástica e os homens a esportes variados - além de buscarem associações diferentes e praticarem o esporte de maneira distinta.

No segundo bloco de textos, o artigo de Christine Piette, *Mulheres, Velhice e Pobreza em Paris na Primeira Metade do Século XIX*, mostra como o novo quadro de envelhecimento da população francesa com o avanço da industrialização e da urbanização ganha, no período citado, uma outra dimensão. Usando dados históricos quantitativos (censos, registros de admissão em hospitais, hospícios e abrigos de mendigos) e qualitativos (documentos de agências de beneficência, material sobre reformas sociais e estudos de época), a autora traça um retrato demográfico e sócio-econômico da cidade dominada pela pobreza e demonstra a situa-

ção desfavorável das mulheres mais velhas (pelo critério adotado, com mais de 50 anos), "sobretudo as que estavam sós", em relação aos homens da mesma condição. Ignoradas pelos estudos sobre a classe trabalhadora em geral, essas mulheres não parecem ter desenvolvido também uma consciência de sua condição desigual, fato para o qual Piette sugere quatro fatores de explicação: a diluição dos velhos e velhas no processo de crescimento demográfico acelerado; a generalização da proletarização e da pauperização; a ausência total de uma tradição de reflexão sobre a condição específica das mulheres como grupo social; e, finalmente, a recusa, pela sociedade burguesa que se instaurava, em admitir essa face sombria e discriminatória de seu próprio avanço.

No artigo *Mulheres, mas Jovens Também...*, Madeleine Gauthier reflete sobre o quadro de indicadores que permite acompanhar a trajetória de mulheres jovens, com menos de 25 anos, e compará-la à dos homens da mesma coorte, mas também à das mulheres mais velhas. Tendo por pano de fundo o nível especialmente elevado (58%) de acesso de mulheres à Universidade no Canadá, a autora desagrega dados estatísticos por idade e sexo e acompanha a mobilidade ascendente dessas jovens mulheres. Madeleine acha que o presente período histórico é crucial, em função da reorientação do capitalismo que, sem a contrapartida reguladora do socialismo do Leste europeu e com a globalização da economia, tende a criar mais trabalho porém menos postos de trabalho, gerando novas desigualdades. E se pergunta se as jovens mulheres de hoje constituirão uma "geração decisiva" como a dos anos 60, capaz de romper com velhos paradigmas e transformar sistemas de valores no sentido de - como indicam algumas tendências e contrariamente às mulheres que as precederam - associar positivamente trabalho e vida privada, eventualmente trocando a paridade salarial e de poder em relação aos homens, por "ganhos" em nível familiar.

Finalmente Luise Toupin, com o artigo *Dos 'Usos' da Maternidade na História do Feminismo*, discute como o conceito de maternidade - dimensão central das construções sociais de sexo e gênero - tem dado margem, no plano das ações feministas, a interpretações contraditórias que ora julgam a equação mulheres-mães ultraconservadora, ora revolucionária. A autora defende a necessidade de historicizar os discurs-

os múltiplos sobre a maternidade, e para isso compara dois exemplos de mobilização feminina, um em torno da medida por pensão às mães necessitadas instaurada nos Estados Unidos em 1911, e o outro sobre a luta por abonos de família, implantados no Canadá após a 2ª Guerra Mundial. Com isso tenta marcar a distinção entre o uso "ideológico" e o uso "materialista" da noção de maternidade, e mostra como, em Québec, todo um esforço de reflexão sociológica e política vem sendo feito para, abandonando o domínio da "cultura da reprodução" - natural e antihistórica -, analisar as atividades das mulheres, dentro e fora da casa, como **trabalho**.

A revista apresenta, além dos textos acima, várias resenhas de trabalhos sobre a condição da mulher. Com isso, fica coberta uma ampla contribuição intelectual que vai de estudos sobre mulheres e religião (de Micheline Dumont, por Claudine Baudoux, de Andréa Richard por Ann Robinson e de Denise Veillette (dir.), por Louise Melançon), memórias de lésbicas (de Ann Robinson, por Line Chamberland), mulheres e trabalho (de Helena Hirata e Danièle Senotier, por Angelo Soares), mulheres e artes visuais (por Jacqueline Blouchard) e violência conjugal (de Maryse Rinfret-Raynor e Solange Cantin, por Dominique Damant), a outros sobre a escola primária mista (de Claude Zaidman, por Andrée Satanislas), a extrema-direita contra as mulheres (de Jo De Leeuw e Hedwige Peemans-Poulet, por Chantal Maillé), a migração, no feminino, na França e no Canadá (de Lucie Lequin e Mair Verthuy, por Monique Moser-Verrey), a influência do feminismo sobre o direito em Québec (de Louise Langevin (dir.), por Valérie Demers e Marie-Andrée Bertrand), passando também por um "romance Intimista" (de Nancy Houston, por Marie Béique).

A *Recherches Féministes* com o referido volume temático nos oferece, portanto, uma bela oportunidade de pensar as relações de gênero à luz das relações de idade ou entre gerações: olhando a mulher e **seu** tempo, cruzando dimensões da experiência social de indivíduos ou grupos e recuperando, assim, a complexidade dos quadros de referências acionados para a configuração de identidades e para a reprodução ou superação da distinção - e da desigualdade - social.